



In Cordibus Nostris

BOLETIM DE ESPIRITUALIDADE PASSIONISTA

Ano I – N. 1 – Janeiro de 2020

FAMÍLIA PASSIONISTA DO BRASIL - FPB

DO CORAÇÃO DE CRISTO CRUCIFICADO AO CORAÇÃO DE SÃO PAULO DA CRUZ

Diário Espiritual. 23 de novembro de 1720, sábado.

“Foi o primeiro dia de meu retiro em São Carlos [Castellazzo]. Tomei a comunhão indignamente. Não estive muito recolhido nem distraído. Passei o resto do dia aflito com um gênero especial de tristeza, que não é o mesmo que se encontra nas atividades do mundo, mas se trata de certo sofrimento interior, que está no espírito e no coração, de mistura com tentações íntimas, que apenas se sentem e, por isso mesmo, me afligem intensamente, de forma que eu não sei, por assim dizer, de onde elas vêm. Tanto mais que, então, nesse momento, não há sinal algum de oração sensível. Sei bem que Deus me dá a compreender que me purificam a alma. E sei também que, pela misericórdia de nosso bom Deus, não desejo saber outra coisa, nem quero gozar consolo algum, somente desejo estar crucificado com Jesus.”

(São Paulo da Cruz)

MEDITAÇÃO (Dom Amilton Manoel da Silva, CP - *Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Curitiba*)

“DAR-VOS-EI UM CORAÇÃO DE CARNE...” (Ez 36,26)

O Coração é um órgão de suma importância para o corpo humano; em tempos remotos, dizer que alguém morreu era o mesmo que afirmar: *“O coração parou de funcionar!”* Compreendia-se a existência humana associada diretamente a este órgão, sendo o grande desafio mantê-lo pulsando... Diante das funções fisiológicas e reações emocionais do coração, entendemos por que as religiões monoteístas o “adotaram” para falar de um Deus vivo, que interage com os seres humanos, sobretudo o Cristianismo.

O Coração humano

“Quando procuramos Deus, Ele já nos procurava... Ele espera-nos para nos receber no Seu coração, no Seu amor” (Papa Francisco).

“Quero que o meu coração seja a morada de Jesus” (São Paulo da Cruz, *A Morte Mística*).

A medicina afirma que o coração localiza-se no centro do sistema circulatório e a contração que ele sofre faz com que o sangue seja bombeado no sistema circulatório; a saúde deste órgão depende de sangue com oxigênio e nutrientes. Cuidar bem do coração significa zelar por todos os outros órgãos do corpo e pela saúde global, uma vez que, se o coração não trabalhar normalmente, os demais órgãos ficarão comprometidos, pois não receberão a quantidade de sangue necessária para que possam funcionar satisfatoriamente.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), em pesquisa recente, as doenças cardiovasculares são as principais causas de morte evitável no mundo. O que implica reconhecer que as pessoas estão cuidando pouco ou nada do seu coração. Tomemos destas estatísticas alguns pontos para rezar:

coração como **centro do sistema circulatório**; necessidade de oferecer **sangue com oxigênio e nutrientes**; **outros órgãos do corpo** dependem da saúde do coração; a maior causa morte da atualidade são as **doenças cardiovasculares...**

Estes elementos apontam duas dimensões intrínsecas à pessoa que não podem ser descuidadas: **humana** e **espiritual**. Dessa forma, necessidades que são aplicadas ao bom funcionamento do coração, órgão físico, se assemelham às exigências da vida cristã, propostas por Jesus Cristo, e em cujo interior há um centro que exige investimento e não pode ser relativizado. Se a abstinência de alimentos nocivos e sentimentos negativos, acompanhados de exercícios físicos e exames periódicos, garantem a saúde do coração físico, de igual forma o cultivo da espiritualidade pela oração, Palavra de Deus, sacramentos e caridade, garantem a saúde espiritual e a vida eterna. Como o ser humano é um todo, o “coração físico” e o “coração espiritual” devem ser cuidados simultaneamente.

O Coração de Deus

“O Senhor nos ama com ternura. E este é um amor forte, porque nos faz ver a fortaleza do amor de Deus” (Papa Francisco).

“Fixarei sempre o meu Coração em Deus, desprendendo-o de tudo aquilo que não é Ele” (São Paulo da Cruz, A Morte Mística)

A Bíblia usa diversos recursos de linguagens. Uma delas é o recurso antropomórfico, que utiliza-se de imagens simbólicas para comunicar algo real. Neste recurso, Deus transcendente é apresentado dotado de características físicas e de emoções humanas, que servem para facilitar a relação entre o Criador e a criatura. O coração é o órgão do corpo humano mais mencionado na Bíblia para descrever Deus como “Pessoa”. Afirmar que Deus tem Coração é professar a fé na divindade, cuja compreensão distancia-se infinitamente de concepções identificadas

apenas com poder, sabedoria e força ameaçadora aos seres humanos. Referir-se ao Coração de Deus é buscar consolidar-se à sua vontade (cf. At 13,22); dessa forma somos julgados em relação ao Coração divino.

O Antigo Testamento descreve o Coração de Deus como compassivo, que ouve o clamor de seu povo (cf. Ex 3,7), cuja misericórdia se estende por mil gerações (cf. Ex 20,5-6) e que se ocupa do ser humano com cuidados maternos (cf. Is 66,13). Entretanto, esta verdade é entremeada pela infidelidade humana ao amor desse coração (cf. Jr 18,8) e pela afirmação de um Deus justiceiro, que se coloca ao lado de uns em desfavor de outros e que por vezes manifesta sua ira (Sl 94,1-2).

O Novo Testamento, por sua vez, apresenta o Coração de Deus que não se rende perante a ingratidão e a rejeição do povo que Ele escolheu para si. “Seu amor compassivo e a sua misericórdia infinita, se manifestou num rosto visível e palpável: Jesus Cristo, Deus e homem, que se colocou ao lado dos pobres e pecadores, dos doentes e sofredores” (Papa Francisco, *Misericordiae Vultus*). O Filho de Deus tomou sobre si o amor aniquilado, derrotando o mal e a morte, devolvendo a dignidade e a liberdade de filhos aos seres humanos. O preço foi a cruz, na qual, *“tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim”* (Jo 13,1). Deus deu-se a conhecer “escancarando” o seu Coração, uma vez que é próprio do amor revelar-se, dando sinais do que é, do que quer e do que pode oferecer.

O Coração de Cristo Crucificado

“Na cruz, Jesus ofereceu as suas feridas ao Pai por nós, as feridas que nos curaram. Para que sempre possamos encontrar nas feridas de Cristo a fonte de toda a cura” (Papa Francisco).

“É no fortíssimo castelo do Coração de Jesus, que somos libertados de todo o mal” (São Paulo da Cruz).

Em Jesus Crucificado, foi revelado o essencial da fé cristã, o Amor que nos salva e

nos faz viver já na eternidade de Deus. A expressão máxima dessa novidade do Evangelho é descrita pelo evangelista quando diz: *“Um soldado lhe atravessou o lado com uma lança, e imediatamente saiu sangue e água”* (Jo 19, 34). Neste momento, o Coração aberto de Cristo atraiu o nosso coração, abrindo-o também, para que saíamos de nós mesmos, abandonando as seguranças humanas e fazendo-nos dom de amor sem reservas. Na verdade, não foi o soldado que abriu o Coração de Deus, mas o amor, que tem força própria e é capaz de romper toda forma de aprisionamento. Na cruz, o amor divino em forma de sangue e água, “arrebentou” as muralhas da separação; destruiu o servilismo que identifica os que “se servem” e não servem o outro; inaugurou “a comunidade dos discípulos missionários que se envolvem, acompanham, frutificam e festejam” (Papa Francisco, *Evangelium Gaudium*) e moldou a Igreja de todos os tempos no seu jeito de ser e fazer, segundo a fecundidade do Espírito... A vida se fez missão!

Como Passionistas, contemplativos do Calvário, somos levados por São Paulo da Cruz a adentrar o “o interior de Deus” pela chaga aberta do seu Coração, e experimentar seu amor salvífico, ofertado abundantemente... Numa carta escrita em 1738, Paulo descreve os passos dessa experiência: *“Fique à porta do Coração de Jesus, peça perdão das suas imperfeições, entre, mas se faça pequenina e depois queime e se encinere, e deixe que o vento do Espírito Santo leve para o alto aquelas cinzas, perdendo-se no imenso abismo da Divindade”*. Numa outra carta de 1740, escreve: *“Prepare o próprio coração com sentimentos de humildade e contrição, peça a Jesus a entrada em seu divino Coração, entre Nele em espírito, ame a infinita bondade, louve, agradeça por tudo o que Ele fez e sofreu por nós, sobretudo por deixar-se no grande Sacramento do altar...”* Concluimos, então, que A MEMÓRIA tem início na experiência pessoal, de coração a Coração,

onde o humano é “CRISTIFICADO”. Caso contrário, a pessoa permanecerá apenas no aspecto devocional da Paixão, numa experiência frágil que pode levar ao “esquecimento” da mesma ou a um seguimento a distância, com o perigo da traição (cf. Mt 26,58; Lc 22,54).

O Coração de São Paulo da Cruz

“O amor de Cristo não é um sentimento superficial, mas uma atitude fundamental do Coração que se manifesta no viver como Ele quer” (Papa Francisco).

“Não me sinto, senão, milagre da misericórdia de Deus” (São Paulo da Cruz).

Quando Jesus nos chama a “permanecer no seu amor” (cf. Jo 15, 9), Ele não deseja outra coisa senão que assumamos a sua missão indispensável para a Igreja e para o mundo: a santidade. Precisamente por isso, nunca devemos afastar-nos da nascente do amor, que é o seu Coração transpassado na cruz. Só assim seremos capazes de cooperar eficazmente para o misterioso “desígnio do Pai”, que consiste em “fazer de Cristo o Coração do mundo”, uma vez que a vontade do Pai se realiza na história na medida em que Cristo se torna o “Coração” dos nossos corações. Esta é a centralidade do carisma fundante e da missão de Paulo da Cruz na Igreja.

Do Coração de Cristo Crucificado ao coração de São Paulo da Cruz, poderia existir uma longa distância ou mesmo um abismo, se não fossem dois fatores que encurtaram o caminho e selaram a unidade: a **humanidade e o amor**. A humanidade de Cristo já aparece nos primeiros escritos de Paulo da Cruz, como no diário do retiro Castellazzo, quando ele descreve os sentimentos do Crucificado em relação com os seus sentimentos e vice-versa. O paradoxo “dor” e “amor” o acompanharão ao longo de sua vida, conjugados, em atitudes proféticas, conforme a exortação do apóstolo: *“Tende em vós os mesmos sentimentos que haviam em Cristo Jesus”* (Fl 2,5).

Na percepção de Paulo, confirma-se o que expressou São João Paulo II: *“Jesus Cristo é rosto humano de Deus e o rosto divino do homem”*. Parafrazeando: **Jesus Cristo é o Coração humano de Deus e o Coração divino do homem**. Nesse Coração, o ser humano foi elevado à condição divina; por isso encontramos traços divinos que são visíveis em cada homem e em cada mulher, quaisquer que sejam a situação, etnia ou contexto em que vivem. Particularmente, Paulo descobriu o Coração do Senhor no coração quase sem vida dos pobres: da Maremma Toscana, do hospital de São Galicano, dos bandidos... Nos que esmolavam nos conventos, nos pecadores que o buscavam, nos inúmeros leigos(as), religiosos(as) e sacerdotes que o procuravam para consolidar a vocação e a fidelidade batismal.

O coração de São Paulo da Cruz não parou de pulsar no dia 18 de outubro de 1775. A celebração do tricentenário de fundação da Congregação Passionista, em 2020, assegura que ele bate forte no “coração escudo” que os

(as) passionistas carregam sobre o hábito, mas sobretudo em cada membro da família passionista, consagrados(as) e leigos(as), que cotidianamente buscam responder ao convite tríplice do Mestre: *“Vinde a mim vós todos que estais cansados... Tomai sobre vós o meu jugo... Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração”* (Mt 11, 28-30).

Neste ano de preparação para o Jubileu, celebremos com festa a existência pulsante do **Carisma Passionista**, presente na Igreja e no mundo há 300 anos, e renovemos a esperança de uma humanidade nova, pois *“onde não consegue chegar a razão dos filósofos, nem a intervenção dos políticos, consegue fazê-lo a força da fé, que a graça do Evangelho de Cristo nos traz e que aponta sempre novos caminhos”* (Papa Francisco). Sejam cristãos comprometidos na erradicação dos corações de pedra, geradores da indiferença e da insensibilidade, e com atitudes de corações de carne, abracemos iniciativas que visam a justiça, a paz e a fraternidade; que defendam os valores humanos e a ecologia integral.

REFLEXÃO

- ❖ Como tenho experimentado as “pulsações” do Coração de Deus em minha vida?
- ❖ Como tem sido minha experiência com Jesus Crucificado? Em que aspectos o Coração aberto de Cristo me impulsiona a testemunhar a “Igreja em saída”?
- ❖ No que consiste para mim o “próprio Passionista”? Sinto pulsar em mim o coração de São Paulo da Cruz?
- ❖ Como celebrar o jubileu dos 300 anos do nascimento do Carisma Passionista, com um coração novo?

CALENDÁRIO DE ESPIRITUALIDADE PASSIONISTA – JANEIRO DE 2020

- 03 Nascimento de São Paulo da Cruz (1694)
- 04 Recordação do Venerável Pe. Nazareno Santolini, CP (1859-1930)
- 05 Memória de São Carlos de Santo André Houben, CP (1821-1893)
- 06 Batismo de São Paulo da Cruz (1694)
- 09 Recordação do Venerável Pe. Generoso Fontanarosa, CP (1881-1966)
- 11 Recordação da Serva de Deus Me. Elizabeth Prout, CP (1820-1864), fundadora das Irmãs da Cruz e da Paixão (irmãs passionistas inglesas).
- 12 Recordação do Venerável Pe. Giuseppe Pesci, CP (1853-1929)

EXPEDIENTE: Equipe de Espiritualidade da FPB – Ir. Jaqueline B. de Oliveira, CP (Prov. São Gabriel); Ir. M^a Irene da Silva, CP (Prov. Rainha da Paz); Ir. Rosana Bertachi, CP (Prov. Imaculado Coração); Pe. Ademir Guedes Azevedo, CP (Prov. Getsêmani); Pe. Vanildo de Jesus Nascimento, CP (Prov. Exaltação da Santa Cruz); Carlos Renato Moiteiro (CLPs – Reg. Centro).



In Cordibus Nostris

BOLETIM DE ESPIRITUALIDADE PASSIONISTA

Ano I – N. 2 – Fevereiro de 2020

FAMÍLIA PASSIONISTA DO BRASIL - FPB

DO CRUCIFICADO AO RESSUSCITADO: A NOSSA PARTICIPAÇÃO NO CORPO E NO SANGUE DE CRISTO

**Irmã Maria Lupo,
Congregação das Irmãs Passionistas de São Paulo da Cruz
Província Sacro Cuore di Gesù, Itália**

Carta ao Pe. Giovanni de São Rafael, 16 de julho de 1754.

“Quando celebrais a Missa, vos alimentais de Jesus, é certo? Ora, por que depois da Missa não deixais que Jesus se alimente de vós, vos consuma e vos transforme em Si e ardendo daquele fogo de amor, que arde em seu divino coração, não vos deixais incendiar? Se fores bem humilde de coração, bem aniquilado, bem escondido às criaturas, vos será ensinado pelo divino Mestre, na escola interior, a verdadeira ciência dos santos.”

(São Paulo da Cruz)

Introdução

São Paulo da Cruz queria que cada um de seus filhos e filhas se dessem conta que o chamado passionista consiste em tornar-se uma viva memória da Paixão de Jesus com todo o seu próprio ser. Para conseguir isso de maneira mais eficaz, é necessário viver a Missa com grande intensidade, para que, participando do Corpo e Sangue do Senhor, cada um se torne Eucaristia viva. Somente quando o sacramento de Jesus está intimamente unido a cada um de nós, ele pode possuir nosso ser e podemos viver n’Ele, por Ele e d’Ele.

A passagem mais importante sobre a qual somos convidados a meditar neste mês faz parte de uma carta que Paulo da Cruz escreveu a Pe. Giovanni Iacomini¹. Jesus Eucaristia nos transforma em Deus pela via unitiva, pois

durante o banquete eucarístico não é tanto o homem a *alimentar-se de Deus*, mas sim *Deus a alimentar-se do homem*, e o homem é aniquilado em Deus por meio do amor que o consome. Depois de termos participado da Missa, devemos então viver a nossa vida como uma missa contínua.

A missa mística

Do momento em que cada batizado tem uma alma sacerdotal, é chamado a viver uma vocação vital e a celebrar uma Missa espiritual, mística, semelhante àquela que se celebra sobre o altar. É uma missa que começa com a vida, continua com a vida e só terminará no final da vida. Tal missa é, de alguma forma, reprodução daquela do sacerdote. Na Missa mística devem-se encontrar os três atos essenciais: o ofertório, a consagração e a comunhão.

¹ PAULO DA CRUZ, *Lettere*, III, p. 190. A P. Giovanni di san Raffaele, 16 de julho de 1754.

a) O ofertório

Paulo exorta: "Eu vos suplico: façam do vosso corpo uma hóstia viva, santa e agradável a Deus" (Rm 12,1). Escreve Santo Agostinho: "Não procurar fora de ti a hóstia de que precisas: esta hóstia a encontrarás em ti mesmo"². Pede-se que sejamos hóstias ázimas, sem fermento e o fermento simboliza tudo o que não é puro e é cativo, aquilo que não é segundo Deus. Devemos portanto procurar no nosso espírito, na nossa vontade, no nosso coração, aquilo que não é digno de um verdadeiro crente, para tornar à essência:

Procure ter o espírito desapegado das coisas materiais, não olhando, nem repousando nas falsas alegrias e contentamentos que habitam na parte inferior de nós, mas tenha o espírito despojado e nu, repousando e abismando-se em Deus em pura fé e puríssima caridade (...). Procure com a graça viver uma vida morrente, com verdadeira abnegação de tudo o que não é Deus, em verdadeira pobreza de espírito.³

Como o sacerdote segura a hóstia nas mãos e a oferece a Deus, assim o passionista deve oferecer-se a Deus sem reservas; deve oferecer a Ele todos os seus sentidos, pensamentos, vontade e afetos. Deve suportar a vida de cada dia com suas fadigas, sofrimentos, lutas e esforços oferecendo a Deus.

Ofereça-se a Deus e diga-lhe: *Senhor, eu me ofereço a Vós, para ser hóstia viva da minha comunidade: quero sacrificar-me a fim de que minhas irmãs e irmãos e todos aqueles a quem amo, sejam abençoados, santificados e salvos. Senhor, me ofereço a Vós, como hóstia viva da vossa santa vontade: quero ser sacrificado para alcançar o cume da minha vocação, para cumprir a minha missão e para realizar todos os desígnios que Vós tendes sobre mim. Senhor, me ofereço a Vós, como hóstia viva do vosso amor: quero sacrificar-me, a fim de que o vosso Nome seja santificado, o vosso reino venha, a vossa vontade seja feita; a fim de que Vós sejais mais*

conhecido, mais amado, mais glorificado. Senhor, me ofereço a Vós, como pequena hóstia viva dos pecadores: quero sacrificar-me para ser associado à vossa Paixão, para expiar, para reparar e merecer viver unido a Vós.

Esta oferta permanece sempre incompleta e deve ser renovada a todo instante do dia e da noite de modo que a vida seja uma oferta contínua. Fazendo isto se cumprirá o primeiro ato da missa mística.

b) A consagração

Como o sacerdote pronuncia a oração de consagração sobre o pão e sobre o vinho, do mesmo modo o[a] passionista que consagrou a própria vida a Deus deve tender a uma vida transcendental. Se pede portanto que cada um morra todos dias sempre mais a si mesmo para viver em Deus:

A vida dos verdadeiros servos e amigos de Deus é de morrer todos os dias: *Quotidie morimur: mortui enim estis et vita vestra abscondita est cum Christo in Deo* (1Cor 15,31; Col 3,3) ["Mortos diariamente: Porque estais mortos e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus"]. Ora, esta é aquela morte mística que eu desejo em ti; e que assim como na celebração dos divinos mistérios, tenho certeza que renascerá em Jesus Cristo para uma nova vida deífica, por isso clamo que morra em Cristo misticamente cada dia mais e deixe desaparecer, do abismo da Divindade, e da vossa vida escondida em Cristo⁴, as tantas 'borboletas' das coisas inúteis, que esvoaçam pela mente.

Além disso, as palavras da consagração têm o efeito de transubstanciar a hóstia em Jesus Cristo; do mesmo modo o(a) passionista deve transformar-se em Jesus, deve tornar-se um outro Jesus: deve consagrar cotidianamente o seu corpo ao Pai a fim de que seja puro e santo como aquele de Jesus; a alma, a fim de que seja divinizada; o coração, a fim de que ame como ama o coração de Jesus; o espírito, a fim de que

² Enanarr. in Psal 50,21. (NdT.: Comentário ao Salmo 50,21.)

³ PAULO DA CRUZ, *Lettere* [Cartas] a P. Bartolomeo Ianlonghi, 12 de agosto de 1775.

⁴ PAULO DA CRUZ. *Lettere* [Cartas], I, p. 287. A Tommaso Fossi, 29 de dezembro de 1768.

pense um pouco como pensa o espírito de Jesus; a vontade, a fim de que queira um pouco o que quer a vontade de Jesus; a vida cotidiana, a fim de que, tornando-se o prolongamento, a extensão da vida de Jesus, seja um pouco como a sua: uma vida de santidade, de caridade, de apostolado, de redenção. O viver deve ser um progressivo morrer a si mesmo para fazer penetrar a vida de Cristo em si e chegar a uma completa comunhão com o Pai.

Na medida em que se realizar esta consagração de todo o nosso ser, Jesus se servirá de nós para viver e agir no mundo. Jesus se servirá de cada um para pensar, falar, orar, amar e sofrer; para consolar, converter e santificar; para reparar, expiar e salvar; em uma palavra, se servirá de nós para continuar a “passar no mundo fazendo o bem” (At 10,38).

c) *A comunhão*

O terceiro ato da missa mística é a comunhão. Assim escreve São Paulo da Cruz: “A Sagrada Comunhão é o meio mais eficaz com o qual podeis vos encontrar para vos unir a Deus. Visitai-o frequentemente dentro de vós e fazei-lhe todas as adorações, afetos e ações de graças que vos ensinará o santo amor”.

Além da comunhão eucarística, há outros modos para nos comunicarmos a Jesus. De fato, cada ato que nos une a Jesus é uma comunhão:

- Jesus está no Evangelho, por isso quando se medita, opera-se um verdadeiro mistério eucarístico: o Verbo entra em nós, alimenta a nossa inteligência, reaquece o nosso coração, renova a nossa vida e nos transforma n’Ele.
- Jesus está nas almas que estão em estado de graça e, quando com o pensamento, com o afeto e com a caridade se está unido às almas que possuem a vida da graça nós nos comunicamos com Jesus vivo neles.
- Jesus está nos pequenos, nos humildes, nos pobres e nos sofredores. Foi Ele mesmo que disse: “Em verdade vos digo, tudo o que fazeis a um destes mais pequeninos entre os meus irmãos, é a mim mesmo que o fazeis” (Mt 25,40).

É necessário recordar continuamente que somos tabernáculos de Jesus, como em várias ocasiões reiterou o mesmo Paulo da Cruz: “Cuidem com grande cautela deste tabernáculo vivo, e mantende as lâmpadas acesas, que são a

fé e a caridade; tenha sempre preparada a festa com o exercício de toda virtude”. Cuidando da presença de Jesus em nós, podemos ser uma eucaristia viva para os outros, para os membros da nossa comunidade, e oferecer Jesus a qualquer um que se aproxime de nós.

Esta maneira de comunicar-se é fácil e é possível em todo momento; façamos de tal modo que a nossa vida seja uma comunhão contínua com Jesus. A missa do passionista, dura toda a vida. Tal missa será sempre começada e jamais terminada, enquanto permanecermos sobre esta terra.

Tornar-se Eucaristia viva

A comunhão com Jesus significa tornar-se como Ele: “O sabor de Jesus Sacramentado não se sente com a boca material, mas com o paladar da fé e do amor. O verdadeiro saborear Jesus está em abismar-se toda n’Ele, transformar-se n’Ele por amor, e fazer-se toda divinizada. Esta obra o faz o doce Salvador em nós, mas deseja a nossa cooperação com o exercício das santas virtudes”⁵. Tendo em vista que Eucaristia significa “rendimento de graças”, então uma vida eucarística é uma vida vivida na gratidão. Jesus nos deu a Eucaristia tornando-nos capazes de escolher a gratidão, e tal escolha a fazemos quando nos deixamos transformar n’Ele. À luz da celebração de tal evento, tudo aquilo que se realiza torna-se um modo para dizer “gratidão” a Ele que está unido a nós e quer caminhar conosco.

A Eucaristia, atualizando e tornando presente o sacrifício da cruz, nos dá a possibilidade de imergirmo-nos no mistério de Cristo que se doa a nós e nos torna capazes de viver plenamente os votos⁶. A Eucaristia de fato nos comunica a *obediência* de Jesus e nos ensina como devemos obedecer. No discurso do “Pão da vida” (Jo 6), Jesus declara ter descido dos céus para fazer a vontade d’Aquele que o enviou (Jo 6,38); assim também nós, sob o exemplo de Jesus, cumprimos a vontade do Pai tendo a preocupação de não perder nenhum daqueles que nos foram confiados (cf. Jo 17).

⁵ SÃO PAULO DA CRUZ. *Lettere* [Cartas], I, p. 140. Ad Agnese Grazi. S. Antonio, 29 de junho de 1736.

⁶ NdT: Conselhos evangélicos.

A Eucaristia nos comunica a *pobreza* de Jesus e nos provoca a fazer-nos pobres; de fato, cada um de nós se aproxima do banquete eucarístico assim como é, com as próprias “pobrezas” pessoais: com as suas feridas, sonhos, decepções, expectativas, fadigas... Ao mesmo tempo a Eucaristia é um alimento que permanece dom de Deus, e por consequência nos convida a nos tornarmos dom para os outros.

A Eucaristia nos comunica o *amor* de Jesus e nos ensina a amar castamente todos os nossos irmãos e irmãs. Como Jesus amou com liberdade plena os outros e deixou o outro totalmente livre, assim a Eucaristia educa a nossa capacidade de amar como amou Jesus, isto é, amando com intensidade na abertura ao outro sem exclusão de sorte alguma. A Eucaristia cura o nosso amor porque nos liberta do individualismo, do intimismo e do egoísmo.

REFLEXÃO

- ❖ Sou consciente de que o chamado passionista nos pede para tornarmos-nos memória da Paixão com todo o nosso ser?
- ❖ De quais formas de egoísmo, vaidade, ciúmes ou ressentimento devo me libertar para ser assimilado a Cristo?
- ❖ Como posso crescer na gratuidade do amor para com Cristo e os irmãos?
- ❖ Penso que a minha existência seja autenticamente eucarística? Sou uma Eucaristia que caminha no mundo?

CALENDÁRIO DE ESPIRITUALIDADE PASSIONISTA - FEVEREIRO DE 2020

- 7 Jesus é flagelado, (I) Ofício Votivo.
- 8 Nossa Senhora das Dores, (VIII) Ofício Votivo.
- 10 Recordação da Venerável Me. Maddalena Marcucci, CP (1888-1960), monja passionista.
- 17 Recordação da Beata Edvige Carboni (1880-1952), leiga passionista da Confraria da Paixão.
- 18 São Paulo da Cruz, (IX) Ofício Votivo.
- 19 Comemoração Solene da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, I Vésperas, Solenidade.
- 20 Comemoração Solene da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, Solenidade.
Recordação do Servo de Deus Dom Stanislao Battistelli (1885-1981), bispo passionista.
- 25 Jesus no Horto, Memória.
- 27 São Gabriel de Nossa Senhora das Dores, Festa.

EXPEDIENTE: *Equipe de Espiritualidade da FPB* – Ir. Jaqueline B. de Oliveira, CP (Prov. São Gabriel); Ir. M^a Irene da Silva, CP (Prov. Rainha da Paz); Ir. Rosana Bertachi, CP (Prov. Imaculado Coração); Pe. Ademir Guedes Azevedo, CP (Prov. Getsêmani); Pe. Vanildo de Jesus Nascimento, CP (Prov. Exaltação da Santa Cruz); Carlos Renato Moiteiro (CLPs – Prov. Getsêmani/Região Centro). Tradução do texto original: Carlos R. Moiteiro.



PERMANECER NA PRESENÇA DE DEUS

Irmã Marta de Jesus Crucificado, CP – Monja do Mosteiro Passionista São Paulo da Cruz

Carta de São Paulo da Cruz a Maria Teresa Palozzi, 31 de agosto de 1758.

“Creia que existe mais mérito e dá mais alegria ao Senhor, quando na aridez e na obscuridade se está resignada e alegre com a vontade do Senhor, do que se tivessem as maiores consolações celestes. Quanto mais a oração é pura e despojada da imaginação, mais se caminha em pura e nua fé, aí então, a oração se torna perfeita. Portanto, quando não puder meditar e discorrer o tempo, esteja na presença de Deus dentro de si, no templo da sua alma, repousando como uma menina no seio do Senhor, em sagrado silêncio de fé e de santo amor.

Oh, se soubesse como é grande esta oração! Se acostume a este recolhimento interno: lembre-se como verdade da fé, que Deus está mais próximo de nós, do que nós de nós mesmos; muito mais próximo que a pele à nossa carne. Se perca, então, toda em Deus: repouse no seu seio Divino, O adore, O ame, e se não pode dizer palavras, não importa; é até melhor. Fale do seu estado presente, verá que a sua alma encontrará mais alimento e se acostumará a estar em contínua oração, estando sempre recolhida em Deus. O amor falar pouco e se exprime mais com o silêncio. Uma palavra de amor basta: Ó Pai! Ó grande Pai! Ó Bondade! Ó Amor! Uma destas jaculatórias basta para ter a alma apaixonada por longo tempo na oração.

Senhorita Teresa, eu lhe disse grandes coisas, porque conheço que o Senhor quer fazer-lhe verdadeiramente serva e esposa. Seja fiel, cara filha, seja fiel! Principalmente no exercício das sólidas virtudes: na humildade de coração e no conhecimento do seu próprio nada. Seja mansa, modesta dia e noite, amante do silêncio, amante do estar solitária e em intimidade com o Esposo Divino; mantenha a solidão interna também em meio às pessoas, no trabalho e afazeres da casa. Sofra e cale-se, negando sempre a própria vontade.”

“Caminha na minha presença e sê perfeito.” (Gn 17,1)

Quem, quando criança, não ficava assustado e temeroso diante da perspectiva de que Deus tudo vê, e se vê, está sempre presente? *“Não faça nada escondido, porque Deus tudo vê...”*

Mas se é impossível, como canta o salmista, fugir da Sua Divina presença – “para onde irei, para onde fugirei” (Sl 138) –, por que devemos lidar com a necessidade, como aconselha São Paulo da Cruz a Teresa Palozzi, de estar na sua presença?

Mesmo estando há mais de 30 anos no Mosteiro – e talvez você também experimente isso –, me pergunto por que esta necessidade? esta prática é um desafio exigente diuturnamente? Poderíamos até cantar num coro de muitas vozes a canção da esposa dos Cânticos: *“Durante a noite, no meu leito, busquei aquele que meu coração ama; procurei-o, sem o encontrar. Vou levantar-me e percorrer a cidade, as ruas e as praças, em busca daquele que meu coração ama; procurei-o, sem o encontrar”* (Ct 3,12).

Salomão, apesar de construir o Templo de Jerusalém onde Deus pudesse estar e ouvir as preces do seu povo, está consciente que nem os próprios céus O podem conter (1Rs 8,27). Onde, então, poderíamos encontrá-lo e estar na Sua presença? Guiados pela fé cristã (e de tantos outros credos), encontramos-Lo na sua Palavra, na Eucaristia (presença real), na oração comum (Mt 18,19), no amor (*“quem permanece no amor, permanece em Deus”*, 1Jo 4,16), nos necessitados (Mt 25,31-46), no cosmo, na beleza da criação (*“calai-vos; eu sei que vocês falam de Deus”*), e até “no fundo das panelas”, como ensina Santa Teresa d’Ávila.

“N’Ele – como afirma São Paulo – vivemos, nos movemos e somos” (At 17,28). Ele nos envolve e, de certa forma, também nos procura como a Adão e Eva no Paraíso; se inclina para ver todos os homens (Sl 32,13); se abaixa e se rebaixa para nos alcançar (cf. Fl 2,6-8). Fica à espreita na estrada para nos abraçar em nosso regresso (cf. Lc 15,20). Um Deus assim... que se torna tão íntimo!!! *“Eu te procurava fora de mim e estavas dentro de mim”*, desabafava Santo Agostinho.

Entre os grandes místicos que influenciaram o pensamento de Paulo da Cruz, se destaca o dominicano renano Johannes Taulero. Quando teve contato com os seus *Sermões*, provavelmente pelo ano de 1748, Paulo de certa forma deparou-se como que diante de um espelho, no sentido de que, em suas palavras e expressões, encontrou aquilo que há muito já tinha compreendido de espiritualidade. Era uma sintonia tão grande que só de ouvir falar dele, se comovia, chorava e dizia: “Meu Taulero”. Entre as muitas expressões com as quais se identificava, dizia a respeito ao “Fundo interior”, onde se realiza o verdadeiro encontro com Deus. Se Deus não ocupa lugar e nenhum lugar o pode conter, o que ambos entendiam como “fundo interior”?

Falando de Deus, expressões de espaço e tempo só podem ser entendidas em sentido figurado. “Fundo interior” seria, então, primeiramente, a própria intimidade de Deus, o “seio do Pai” (Jo 1,18) onde em Cristo participamos da natureza divina, própria da nossa filiação adotiva.

“Fundo” é também a própria essência do ser humano, enquanto este não só está em Deus mas, por sua vez, também é o lugar de Deus enquanto Ele age no íntimo da pessoa, transformando-a em Si. Isso acontece especialmente na inabitação da Santíssima Trindade na pessoa em estado de graça. Trata-se, pois, daquela compenetração amorosa já eloquentemente sublinhada no Novo Testamento: *“Permaneci em mim e eu permanecerei em vós”* (Jo 15,4).

Da mesma forma, escreve São Paulo da Cruz às suas filhas espirituais: *“Permaneça dentro de si mesma, em pura fé, sem*

imagens, toda voltada para Deus, que está todo em você. E você está mais em Deus do que em si mesma” (Carta a Teresa Palozzi, 13 de julho de 1757); *“... assim, a oração é mais perfeita, porque sai do íntimo, da essência da pessoa, a qual contempla no espírito de Deus. Esta é uma linguagem elevada, mas Deus, quando quer, faz falar também as pedras. Deixa, pois, que o imenso Bem repouse em seu espírito. Este é um repouso recíproco: Deus está em você e você em Deus*” (Carta a Lucia Burlini, 25 de maio de 1751).

Fundo interior é, então, este “lugar e instante” místico e teológico onde acontece a experiência sublime do encontro do Criador com a criatura, do “nada” com o “TUDO”, do Amado com a amada. Na fragilidade da nossa condição humana – *“Se nem os céus, nem a terra O podem conter”*, como um ser humano pode experimentar o Divino? – nós o vemos através das grades (cf. Ct 2,9) e às apalpadelas: sentimos o perfume de mirra de suas mãos no trinco de nossas portas (cf. Ct 5,4-5).

Mas pelo ardor deste encontro ficamos marcados para sempre: *“Exalaste perfume e respirei. Agora anelo por ti. Provei-te, e tenho fome e sede. Tocaste-me e ardi por tua paz”* (Santo Agostinho).

Não é pelo fato de que isto seja místico, que não seja algo real. É preciso manter a sintonia para podermos encontrá-lo no dia a dia: na sua Palavra, na Eucaristia, na oração comum, no amor, nos necessitados, no cosmo, na beleza das flores, e até “no fundo das panelas”... Aqui está a vigilância cristã que espera pelo seu Senhor, como a amada espera pelo Amado, mais que o vigia pela aurora (Sl 129,7).

Manter-se na presença do Senhor é manter-se na consciência do próprio ser, como São Bento que *“sozinho, sob o olhar do supremo Vigilante, viveu voltado para o seu íntimo”* (se encontrou consigo mesmo). Neste encontro com a essência do próprio ser, iluminado pela luz do critério divino.

É algo tão simples como um diálogo entre amigos – *“O Senhor se entretinha com Moisés face a face, como um homem fala com seu amigo”* (Ex 33, 11) – mas, ao mesmo tempo, tão difícil por causa da nossa mente e imaginação fugidias e agitadas, que correm atrás de qualquer mosca.

Imagem belíssima tomada de São Francisco de Sales, referida já no Diário, em que o nosso Santo nos recorda que somos bebês amamentados por Deus no desejo e na vontade, mas agitados pelas distrações e devaneios da mente:

“Pelo que Deus me dá a entender – e disso tenho consciência – sei que minha alma está sempre fixa em Deus com a Sua paz, mas permanece mais insensível e escondida. Disso se dá conta a minha vontade, que é a boca por onde entra o santo alimento do divino amor, a qual (a vontade), se bem fique intimamente alimentada, sofre o incômodo que lhe causam estas duas faculdades – memória e inteligência – que correm atrás das distrações. Acima e além de tudo isso, está o fato da vontade não sentir, como quando lhe estão unidas as outras duas faculdades.

“No meu entender, é algo como um bebê que mantém a boca no peito da mãe e mama o leite, mas com as mãos e os pés esperneia, se remexe, move a cabeça e faz outras coisas semelhantes. Mas continua mamando, porque não tira a boca do peito da mãe. Claro está que seria melhor para ele ficar

quieto do que estar a fazer as coisas mencionadas. Mas, de todas as maneiras, o leite lhe desce pela garganta, pois ele não tira a boca do peito da mãe. Assim é com minha alma: a vontade, que é a boca, não deixa de sugar o leite do santo amor, ainda que as faculdades – memória e inteligência – estejam a divagar. Vale dizer que, na verdade se sente mais proveito quando elas estão apaziguadas e unidas; mas eu não saberia explicar isso melhor, pois o Senhor

não me dá a entender outra coisa” (Diário Espiritual, 29 de novembro de 1720).

O que importa é a Vontade, a certeza da fé, a atração magnética entre o Criador e a criatura que cada ser, mesmo inconsciente desta realidade o experimenta em sua sede de infinito: *“De Vós mesmo nos provém esta atração, que louvar-vos, ó Senhor, nos dá prazer. Pois, Senhor, vós nos fizestes para vós; e inquieto está o nosso coração, enquanto não repouse em vós, Senhor”* (Santo Agostinho).

REFLEXÃO

- ❖ *“Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo”* (Papa Bento XVI). Sou capaz de situar em minha história o momento em que aconteceu este grande e transformador encontro com Deus?
- ❖ Na minha vigília cristã – o estar na presença de Deus – atualizo a “memória” dos momentos íntimos em que “experimentei” Deus?
- ❖ Como cultivo diuturnamente a minha união com Deus?
- ❖ Como está a constância da minha vontade nos momentos de aridez e desolação espiritual?
- ❖ A minha mística cotidiana me permite descobrir Deus nas coisas simples de cada dia, principalmente no rosto dos pobres e necessitados?

CALENDÁRIO DE ESPIRITUALIDADE PASSIONISTA – MARÇO DE 2020

- 13** Dia do aniversário da eleição de Papa Francisco ao pontificado (2013).
- 19** São José, Esposo da Virgem Maria, co-patrono da Congregação Passionista. Solenidade.
- 21** Recordação da Serva de Deus Ir. Carmelina Tarantino, CP (1937-1992), religiosa das Irmãs Passionistas de São Paulo da Cruz.
- 25** Anunciação do Senhor. Solenidade.

EXPEDIENTE: *Equipe de Espiritualidade da FPB – Ir. Jaqueline B. de Oliveira, CP (Prov. São Gabriel); Ir. Maria Irene da Silva, CP (Prov. Rainha da Paz); Ir. Rosana Bertachi, CP (Prov. Imaculado Coração); Pe. Marcel Alcleante Alexandre de Sousa, CP (Prov. Getsêmani); Pe. Vanildo de Jesus Nascimento, CP (Prov. Exaltação da Santa Cruz); Carlos Renato Moiteiro (CLPs – Região Centro/PR).*